

Comportamento

Especialistas explicam como o sucesso internacional reacende o orgulho nacional dos brasileiros e evita o tão famoso “complexo de vira-lata”

POR LUIZA MARINHO*

Há algo de profundamente emocionante em ver um brasileiro triunfando no cenário global. Seja um filme ovacionado em Cannes, uma música tocada nos quatro cantos do mundo ou um atleta que conquista um título inédito, cada vitória reverbera como um eco de pertencimento em milhões de corações. Em um país onde a autoestima nacional já sofreu tantos abalos históricos, esses momentos de reconhecimento internacional reacendem um orgulho vibrante, quase cômico, que nos lembra da potência criativa, resiliente e brilhante do nosso povo. Mas por que precisamos desse olhar externo para valorizar o que é nosso? Será que estamos, pouco a pouco, superando o tão falado “complexo de vira-lata”?

A socióloga indígena e líder do Povo Guayana-Muiramomi, Silvia Muiramomi, acredita que a globalização e o avanço da cultura brasileira no exterior estão trazendo novas possibilidades de narrativa. “As artes audiovisuais estão permitindo que a sociedade brasileira enxergue diferentes perspectivas e histórias que sempre existiram, mas nunca foram incluídas na narrativa oficial. Quando um filme como *Ainda estou aqui* ganha visibilidade, ele não apenas emociona, mas também reconstrói memórias coletivas e ajuda a curar feridas sociais profundas”, analisa.

História complexa

Para Silvia, a dificuldade do brasileiro em valorizar sua própria cultura está enraizada em séculos de apagamento histórico. “Desde 1758, fomos forçados a assimilar uma cultura que não era nossa, rompendo nossa conexão com nossa identidade original. Até hoje, o Brasil insiste em se apresentar como uma nação homogênea, quando, na realidade, somos um país pluriétnico, com histórias, línguas e tradições que merecem ser reconhecidas. O sucesso internacional das nossas produções culturais pode ajudar a romper essas barreiras e trazer essas narrativas para o centro da nossa identidade”, explica.

Essa valorização, no entanto, precisa acontecer

internamente também. O psicanalista e professor sênior da Associação Brasileira de Psicanálise Clínica (ABPC) Artur Costa resalta o impacto emocional de se sentir pertencente a um país que é admirado lá fora. “O reconhecimento global de artistas brasileiros funciona como um espelho positivo para o povo. Quando vemos um cineasta, um músico ou um escritor nacional brilhando no

exterior, isso fortalece a autoestima coletiva e gera um sentimento de orgulho poderoso”, afirma.

Ele destaca que essa validação pode ter um efeito psicológico profundo, influenciando até a saúde mental das pessoas. “O pertencimento a uma cultura valorizada gera segurança emocional, fortalece a identidade individual e reduz a sensação de isolamento. Quanto mais reconhecemos a riqueza da nossa história e cultura, maior é nossa resiliência diante dos desafios”, enfatiza.

A indicação de Fernanda Torres ao Oscar 2025 e a vitória no Globo de Ouro por sua atuação no filme *Ainda estou aqui* trouxe um sentimento de euforia para os brasileiros



O Brasil que

brilha lá fora